



Retrato idealizado de Rabelais (Frontispício original)

O SEGUNDO LIVRO

PANTAGRUEL

REI DOS DIPSODOS, RESTITUÍDO A SEU
NATURAL, COM OS FEITOS E PROEZAS
ESPANTOSAS

COLEÇÃO CLÁSSICOS COMENTADOS

Dirigida por
João Angelo Oliva Neto
José de Paula Ramos Jr.



Editor
Plínio Martins Filho

CONSELHO EDITORIAL

Beatriz Mugayar Kühl – Gustavo Piqueira
João Angelo Oliva Neto – José de Paula Ramos Jr.
Leopoldo Bernucci – Lincoln Secco – Luís Bueno
Luiz Tatit – Marcelino Freire – Marco Lucchesi
Marcus Vinicius Mazzari – Marisa Midori Deaecto
Paulo Franchetti – Solange Fiúza
Vagner Camilo – Wander Melo Miranda



Reitor
Antonio José de Almeida Meirelles
Coordenadora Geral da Universidade
Maria Luiza Moretti



CONSELHO EDITORIAL

Presidente
Edwiges Maria Morato
Alexandre da Silva Simões – Carlos Eduardo Ornelas Berriel
Carlos Raul Etulain – Cicero Romão Resende de Araujo
Dirce Djanira Pacheco e Zan – Iara Beleli – Marco Aurélio Cremasco
Pedro Cunha de Holanda – Sávio Machado Cavalcante

O SEGUNDO LIVRO
PANTAGRUEL
REI DOS DIPSODOS, RESTITUÍDO A SEU
NATURAL, COM OS FEITOS E PROEZAS
ESPANTOSAS

por
François Rabelais

Tradução, Introdução, Notas e Comentários

Élide Valarini Oliver

Ilustrações
Gustave Doré


Ateliê Editorial

EDITORIA UNICAMP

Copyright © 2021 Élide Valarini Oliver

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.02.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rabelais, François, ca. 1490-1553.

O Segundo Livro Pantagruel Rei dos Dipsodos, Restituído a seu Natural, com os Feito e Proezas Espantosas / François Rabelais; tradução, introdução, notas e comentários Élide Valarini Oliver; ilustrações Gustave Doré. – Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021. – (Coleção Clássicos Comentados)

Título original: *Les horribles et espouvantables faits et prouesses du très renommé Pantagruel, roy des Dipsodes, fils du grand géant Gargantua.*

ISBN 978-65-5580-055-5 (Ateliê Editorial)

ISBN 978-85-268-1519-3 (Editora da Unicamp)

1. Ficção francesa 2. Rabelais, François, ca. 1490-1553 – Crítica e interpretação I. Oliver, Élide Valarini. II. Doré, Gustave. III. Título. IV. Série.

22-98243

CDD 843.09

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura francesa: História e crítica 843.09

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

Direitos reservados a

ATELIÊ EDITORIAL

Estrada da Aldeia de Carapicuíba, 897

06709-300 – Granja Viana – Cotia – SP

Tel.: (11) 4702-5915

www.atelie.com.br | contato@atelie.com.br

facebook.com/atelieeditorial | blog.atelie.com.br

instagram.com/atelie_editorial

EDITORIA DA UNICAMP

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421

3º andar – Campus Unicamp

CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil

Tel.: (19) 3521-7718 / 7728

www.editoraunicamp.com.br

vendas@editora.unicamp.br

Printed in Brazil

Foi feito o depósito legal

2021

SUMÁRIO



CRONOLOGIA	II
INTRODUÇÃO	15
Pantagruel: O Personagem	17
Pantagruel: A Obra	19
<i>A Concepção da Obra</i>	19
<i>Panurge</i>	23
<i>A Invasão</i>	25
A TRADUÇÃO	27

PANTAGRUEL

REI DOS DIPSODOS, RESTITUÍDO A SEU NATURAL,
COM OS FEITOS E PROEZAS ESPANTOSAS

Ao AUTOR DESTE LIVRO	33
PRÓLOGO DO AUTOR	35
Capítulo 1: DA ORIGEM E ANTIGUIDADE DO GRANDE PANTAGRUEL	41
Capítulo 2: DA NATIVIDADE DO MAIS QUE FORMIDÁVEL PANTAGRUEL	51
Capítulo 3: DO LUTO DE GARGANTUA PELA MORTE DE SUA MULHER BADEBEC	55
Capítulo 4: DA INFÂNCIA DE PANTAGRUEL	59

Capítulo 5: DOS FATOS DO NOBRE PANTAGRUEL EM SUA JOVEM IDADE	65
Capítulo 6: COMO PANTAGRUEL ENCONTROU UM LIMOSINO QUE ESTROPIAVA A LÍNGUA FRANCESA	73
Capítulo 7: COMO PANTAGRUEL VEIO A PARIS. E OS BELOS LIVROS DA BIBLIOTECA DE SAINT VICTOR	79
Capítulo 8: COMO PANTAGRUEL ESTANDO EM PARIS RECEBEU CARTA DE SEU PAI GARGANTUA, E A CÓPIA DAQUELA	91
Capítulo 9: COMO PANTAGRUEL ENCONTROU PANURGE, A QUEM AMOU TODA SUA VIDA.	99
Capítulo 10: COMO PANTAGRUEL EQUITATIVAMENTE JULGOU UMA CONTROVÉRSIA MARAVILHOSAMENTE OBSCURA E DIFÍCIL TÃO JUSTAMENTE QUE SEU JULGAMENTO FOI DITO FORTEMENTE ADMIRÁVEL. . .	107
Capítulo 11: COMO OS SENHORES DE BEIJACU E SORVEPEIDO PLEITEARAM DIANTE DE PANTAGRUEL SEM ADVOGADO.	113
Capítulo 12: COMO O SENHOR DE SORVEPEIDO PLEITEOU DIANTE DE PANTAGRUEL.	117
Capítulo 13: COMO PANTAGRUEL DEU SENTENÇA AO DIFERENDO DOS DOIS SENHORES	121
Capítulo 14: COMO PANURGE NARROU A MANEIRA COMO ESCAPOU DA MÃO DOS TURCOS.	125
Capítulo 15: COMO PANURGE ENSINA UMA MANEIRA BEM NOVA DE CONSTRUIR AS MURALHAS DE PARIS.	133
Capítulo 16: DOS COSTUMES E CONDIÇÕES DE PANURGE	139
Capítulo 17: COMO PANURGE GANHOU PERDÕES E CASOU AS VELHAS, E DOS PROCESSOS QUE TEVE EM PARIS.	145
Capítulo 18: COMO UM GRANDE CLÉRIGO DA INGLATERRA QUERIA ARGUIR CONTRA PANTAGRUEL, E FOI VENCIDO POR PANURGE.	151
Capítulo 19: COMO PANURGE DEU QUINAU NO INGLÊS QUE ARGUMENTAVA POR SINAIS	159
Capítulo 20: COMO THAUMASTE CONTA AS VIRTUDES E SABER DE PANURGE . .	165
Capítulo 21: COMO PANURGE SE APAIXONOU POR UMA GRANDE DAMA DE PARIS	169
Capítulo 22: COMO PANURGE PREGOU UMA PEÇA NA DAMA PARISIENSE QUE NÃO TROUXE NENHUMA VANTAGEM PARA ELA.	175
Capítulo 23: COMO PANTAGRUEL PARTIU DE PARIS TENDO NOTÍCIAS DE QUE OS DIPSODOS INVADIAM O PAÍS DOS AMAUROTAS. E A CAUSA PELA QUAL AS LÉGUAS SÃO TÃO PEQUENAS NA FRANÇA	181

Capítulo 24: CARTA QUE UM MENSAGEIRO LEVOU A PANTAGRUEL DE UMA DAMA DE PARIS, E A EXPLICAÇÃO DE UMA PALAVRA ESCRITA EM UM ANEL DE OURO	185
Capítulo 25: COMO PANURGE, CARPALIM, EUSTHENES, EPISTEMON, COMPAHEIROS DE PANTAGRUEL, DERROTARAM SEISCENTOS E SESENTA CAVALEIROS BEM ASTUTAMENTE	191
Capítulo 26: COMO PANTAGRUEL E SEUS COMPANHEIROS ESTAVAM ENFASTIADOS DE COMER CARNE SALGADA, E COMO CARPALIM FOI CAÇAR PARA TEREM CARNE FRESCA.	195
Capítulo 27: COMO PANTAGRUEL ERIGIU UM TROFÉU EM MEMÓRIA DA PROEZA, E PANURGE, UM OUTRO EM MEMÓRIA DAS ALAVANCAS. E COMO PANTAGRUEL COM SEUS PEIDOS ENGENDROU OS HOMENZINHOS E COM PEIDOS SILENCIOSOS, AS MULHERZINHAS. E COMO PANURGE ROMPEU UM GROSSO BASTÃO ENTRE DOIS COPOS.	201
Capítulo 28: COMO PANTAGRUEL OBTEVE VITÓRIA BEM ESTRANHAMENTE CONTRA OS DIPSODOS E OS GIGANTES	207
Capítulo 29: COMO PANTAGRUEL DERROTOU OS TREZENTOS GIGANTES ARMADOS DE PEDRA. E LOUPGAROU, SEU CAPITÃO	213
Capítulo 30: COMO EPISTEMON QUE TEVE CARTADA A COBEÇA FOI CURADO HABILMENTE POR PANURGE. E DAS NOTÍCIAS DOS DIABOS E DOS CONDENADOS	221
Capítulo 31: COMO PANTAGRUEL ENTROU NA CIDADE DOS AMAUROTAS. E COMO PANURGE CASOU O REI ANARCO, E O FEZ PREGOEIRO DE MOLHO VERDE	237
Capítulo 32: COMO PANTAGRUEL COM SUA LÍNGUA COBRIU TODO UM EXÉRCITO, E DO QUE O AUTOR VIU DENTRO DE SUA BOCA	241
Capítulo 33: COMO PANTAGRUEL FICOU DOENTE, E A MANEIRA COMO SAROU	247
Capítulo 34: A CONCLUSÃO DO PRESENTE LIVRO, E A DESCULPA DO AUTOR	251
BIBLIOGRAFIA.	255

C R O N O L O G I A

- 1483? 1494? – Nascimento de Rabelais.
- 1510-1526 – Rabelais monge. Muda-se para Fontenay-le-Comte.
- 1520 – Rabelais frade franciscano, escreve a primeira carta (perdida) a Guillaume Budé, eminente humanista.
- 1521 – Segunda carta de Rabelais a Guillaume Budé, que responde.
- 1523-1524 – Rabelais e Pierre Amy têm os livros em grego confiscados pelos franciscanos. Rabelais traduz Heródoto e Luciano, para o latim, foge dos franciscanos e se torna beneditino.
- 1524-1526 – Rabelais beneditino em Saint-Pierre-de-Maillezais, sob o patrocínio de Geoffroy d'Estissac.
- 1526-1530 – Rabelais deixa a região de Poitou e estuda Medicina em Paris. Seus dois filhos nascem, François e Junia, cuja mãe é uma viúva residente nessa cidade. Em setembro de 1530 Rabelais se matricula na Faculdade de Medicina de Montpellier e em dezembro se torna bacharel em Medicina. Rabelais permanece nessa cidade até 1532.
- 1532 – Rabelais dedica sua edição de *Epistolae Medicinales* de Manardi, médico italiano, a André Tiraqueau, jurista e amigo de juventude. O livro é publicado em Lyon por Sebastian Gryphius. A primeira edição do *Pantagruel* sai em Lyon por Claude Nourry. Rabelais escreve a Erasmo. Neste mesmo ano sai a *Pantagrueline Prognostication* para o ano de 1533.

- 1534 – Rabelais parte para Roma em janeiro com o (então) bispo Jean du Bellay. Seria este o ano em que Rabelais publicou pela primeira vez *Gargantua*? A primeira edição sai sem data. De volta a Lyon em abril revisa o *Pantagruel*. Publica outra *Pantagrueline Prognostication* para o ano 1535. Torna-se médico do Hôtel-Dieu. Dedica a *Typographia Romae* a Jean du Bellay. Em outubro dá-se o *Affaire des placards* (vide nota).
- 1535 – Morte do pai de Rabelais, Antoine, nascimento do filho Théodule (servo de Deus, em grego) com outra mulher, talvez em Lyon, e que só viverá dois anos (segundo seu epitáfio escrito pelo poeta Jean de Boyssoné). Expições em público se dão, e queima de heréticos. Jean du Bellay nomeado cardeal, parte para Roma acompanhado de Rabelais. Segunda edição do *Gargantua*.
- 1535-36 – Rabelais consegue perdão do papa por apostasia, o que o transforma em padre secular. Em 1536 a França ocupa o Piemonte e Jean du Bellay é nomeado tenente-governador de Paris.
- 1537 – Rabelais em Montpellier passa de bacharel a licenciado em Medicina e depois Doutor em Medicina. Guillaume du Bellay, irmão de Jean, se torna governador do Piemonte.
- 1540 – Os dois filhos restantes de Rabelais são, após requerimento, considerados legítimos pela cúria papal. Entre 1540 e 1542, Rabelais no Piemonte com Guillaume du Bellay.
- 1542 – Rabelais em Turim com Guillaume du Bellay. Guerra entre Carlos v e Francisco I. Guillaume du Bellay doente, inclui Rabelais dentre os beneficiários de seu testamento.
- 1543 – Guillaume du Bellay morre em janeiro. Rabelais acompanha o corpo até Le Mans. *Gargantua e Pantagruel* na lista dos livros censurados pela Sorbonne. Geoffroy d'Estissac morre.
- 1545 – François Bribart, secretário de Jean du Bellay é queimado por heresia. Acontece o Massacre de Vaudois (v. nota no texto). Sai o catálogo dos livros proibidos. Em 19 de setembro, Francisco I concede um privilegio de publicação para o *Terceiro Livro*.
- 1546 – O *Terceiro Livro* é publicado por Christian Wechel. Tiraqueau republica seu livro sobre leis e elimina qualquer referência a Rabelais. Rabelais foge para Metz, cidade livre do Sacro Império Romano-Germânico. Etienne Dolet, ex-amigo de Rabelais, é queimado como herege. O *Terceiro Livro* é censurado.
- 1547 – Jean du Bellay nomeado para posto em Roma por Henrique II, Rabelais se reúne a ele.

- 1548 – Rabelais desconta um cheque em Roma. Edição parcial do *Quarto Livro* por Pierre de Tours em Lyon. Festividades em Roma para comemorar o nascimento do filho do rei da França, Luís d' Orléans, que viveria apenas um ano. Rabelais as descreve na *Sciomachie* (Sciomaquia).
- 1549 – Jean du Bellay deixa Roma. Provavelmente Rabelais o acompanha.
- 1550 – Rabelais em Saint-Maur com Jean du Bellay encontra-se com o cardeal Odet de Châtillon, que lhe obtém um novo privilégio de publicação do rei Henrique II. Rabelais recebe dois benefícios como cura de Meudon e Saint-Christophe-du-Jambet, mas não reside em nenhum dos dois lugares.
- 1552 – O *Quarto Livro* é publicado por Michel Fezandat em Paris, que também publica a revisão do *Terceiro Livro*. O livro é prontamente condenado pela Sorbonne e o Parlamento de Paris proíbe sua venda. Correm rumores de que Rabelais foi acorrentado e levado à prisão. Pouco depois, a proibição de venda é suspensa e o livro conhecerá várias edições.
- 1553 – Rabelais renuncia aos dois benefícios. Morte de Rabelais.

INTRODUÇÃO

Os dois primeiros livros de Rabelais, respectivamente, *Pantagruel* e *Gargantua*, podem ser vistos como pertencendo a um conjunto de paradigmas similares: a fundação da genealogia de uma família de gigantes; a reflexão entre história e *estória*; a fundação de uma mitologia que abarca a historiografia, a toponímia e a ficção sob a mirada da sátira.

Ao mesmo tempo, *Pantagruel*, o primeiro da série, contém, em germe, alguns dos temas, argumentos e proposições que serão levados a cabo no *Terceiro*, *Quarto* e *Quinto Livro*, como extensões e aprofundamentos da figura de Pantagruel.

A obra completa fornece, portanto, elementos de análise que conduzem o leitor e o estudioso a apreciar a evolução dos interesses, o aprofundamento dos tópicos, o refinamento de estilo que tomaram forma ao longo da obra do escritor.

Significativamente, os dois primeiros livros são assinados sob pseudônimo: Alcofrybas Nasier, e depois Alcofrybas, anagrama de François Rabelais, seguido do epíteto *abstraidor de quinta essência*, o *Terceiro* e o *Quarto Livro* já aparecem com o nome de François Rabelais, seguido de *Doutor em Medicina*.

O *Quinto Livro*, porém, tem uma história diferente. Publicado postumamente, mas trazendo igualmente seu nome e profissão, este livro revelar-se-á problemático. Uma série de dezesseis capítulos intitulada *L'Isle Sonante* (*A Ilha Sonante*) foi publicada em 1562, sem nome e sem lugar de publicação. Em 1564,

novamente sem nome ou lugar de publicação, aparecem quarenta e sete capítulos publicados que diferem em detalhe da *Isle Sonante*. Ao final, assinando um epigrama onde se anuncia a morte de Rabelais e “ainda um livro como um presente para os vivos do imortal autor”, aparece a expressão *Nature Quite*, um anagrama de Jean Turquet, ou Jean de Mayerne, médico. Aparece, entretanto, um manuscrito em caligrafia diferente da de Rabelais que contém parte do Prólogo e quarenta e seis capítulos. Esse manuscrito omite alguns capítulos da publicação anterior e acrescenta um novo. Tudo leva a crer que parte do assim chamado *Quinto Livro* seja constituída de *rascunhos* do autor, dada a semelhança entre tais escritos e partes tanto do *Terceiro* quanto do *Quarto Livro*.

Mas, se o problema de atribuição é real, ao mesmo tempo é clara a evolução e o aprofundamento da obra, que se dá a grandes intervalos, como se observará a seguir, nesta breve cronologia:

A primeira edição de *Pantagruel* se dá em 1532, por Claude Nourry, em Lyon. O livro é um sucesso e contará com várias reedições. Também nesta data, saem as *Prognosticações Pantagruelinas* para 1533, sendo reeditadas em 1535, 1537, 1538, e depois servindo para o “ano perpétuo”; tais prognósticos são seguidos do *Almanaque para o Ano 1533* (assinado por Rabelais, doutor em medicina e professor de astrologia).

Provavelmente devido ao sucesso de *Pantagruel*, Rabelais acaba tomando um personagem de crônica, Gargantua, e publica o livro homônimo em 1535, ou segundo alguns críticos em fins de 1534. Uma dessas crônicas populares, *Grandes et Inestimables Cronicques*, segundo estudos minuciosos feitos por Mireille Huchon, levaria a mão de Rabelais, senão no texto, ao menos no índice¹.

Em 1542, Juste publica uma reedição de *Pantagruel e Gargantua* mas expurgados. A edição de Dolet, entretanto, sai não expurgada. Rabelais está na lista de livros censurados pela Sorbonne de 1543.

Em 1546, O *Terceiro Livro* é publicado em Paris, por Chrestien Wechel. Rabelais prudentemente se retira para a cidade livre de Metz. O livro vai para a lista de censura da Sorbonne. Uma primeira versão parcial do *Quarto Livro* sai em 1548.

Em 1549, sai a *Sciomachie/Squiomaquia*² – uma descrição feita por Rabelais da festa dada em 14 de março em Roma para a comemoração do nascimento

1 Mireille Huchon, “Rabelais grammairien: de l’histoire du texte aux problèmes d’authenticité”, *Etudes Rabelaisiennes*, 16, Genève, Droz, 1981 (A partir de agora, a revista *Etudes Rabelaisiennes* será referida como *ER*).

2 Do grego *skiomachia*: combate contra uma sombra, ou contra um adversário fictício. O cardeal Jean du Bellay e o embaixador da França, em Roma, criaram essa batalha fictícia em comemoração ao

de Luís d'Orléans. A edição definitiva do *Quarto Livro* sai em 1552, por Michel Fezandat, em Paris, que publica no mesmo ano uma edição do *Terceiro Livro, Revista e Corrigida pelo Autor Segundo a Censura Antiga* (censura aqui significando ortografia). Em 1562, depois da morte de Rabelais (provavelmente em 1553), sai a *Isle Sonante*. Em 1564, é publicado o *Quinto Livro*.

PANTAGRUEL: O PERSONAGEM

Como indica Lazare Sainéan, o nome Pantagrueel aparece no século xv, na segunda jornada da *Vie de Saint Louis* onde dentre os diabos se encontra Pantagrueel. Ali, sua função é a de *alterar* os bebedores introduzindo-lhes sal na boca:

*Toute nuit [...] A ces galanz qui avoyent beu,
Hier au suer jusqu' à hebræoz,
Tandis qu'ilz estoient au repos,
Je leur ay par soutilte touche
Boute du sel dedens la bouche
Doucement sans les esveiller;
Mais, par ma foy, au resveiller,
Ilz ont eu plus soef la mitié
Que devant.*

Toda noite [...] A esses galantes que haviam bebido,
Ontem à noite até de manhã,
Enquanto estavam em repouso,
Por sutil toque
Joguei-lhes sal dentro da boca
Suavemente sem os acordar;
Mas, pela minha fé, ao despertarem,
Tiveram mais sede do que antes.

Pantagrueel aparece também nos *Actes des Apôtres* dos irmãos Gréban (*Atos dos Apóstolos*) uma peça de mistério apresentada em Bourges em 1478. Ali os

nascimento de Luís de França ou Luís III d'Orléans, filho do rei Henrique II e Catarina di Medici/Catherine de Médicis. Como secretário e médico do cardeal, Rabelais escreve o relato, tendo como modelo provavelmente Antonio Buonaccorsi, secretário do cardeal de Ferrara. A criança morreria no ano seguinte, em 1550.

personagens infernais são: Lúcifer, Astaroth, Burgibus, Berith, Cérbero, Leviatã, Belial, Pantagruel e Prosérpina.

Em 1500, *La Sotie du roy des Sotz (A Sotie do Rei dos Tolos)* apresenta um *Panthagruel* que se faz de mudo. A *Sotie* era um gênero de peças curtas satíricas comum nos séculos xv e xvi na França, originando-se no termo *sotie*: insensatez, tolice.

Também na mesma data, em *Le Verger d'honneur (O Horto da Honra)* de André de la Vigne, *Panthagruel* é um velhote [p. 455]³.

Neste primeiro livro de Rabelais, Pantagruel nasce durante uma seca terrível, preservando a relação do personagem com sede. Posteriormente, em sua guerra contra os Dipsodes/Dipsodos (alterados pela bebida) e Almyrodes/Almirodo (os salgados), Pantagruel empregará o mesmo estratagema do sal e da sede.

Mas a *alteração* literária rabelaisiana começa a se fazer, com uma primeira versão do *Pantagruelismo*: gente que sabe gozar a vida física e intelectualmente vivendo em “paz, alegria, saúde e sempre comendo bem”. Versão essa, que será sublimada filosoficamente a partir do *Terceiro Livro*. No *Quarto Livro*, Rabelais convocando Horácio, define o Pantagruelismo como “Uma certa alegria de espírito elaborada no desprezo das coisas fortuitas”, ou seja, um ideal bastante próximo do sábio que encara os acidentes da vida com serenidade.

Assim, de diabrete, Pantagruel passa a um ideal ao mesmo tempo epicurista e estoico, celebrando a mediania enquanto qualidade fundamental para se alcançar tal ideal. A este ideal humanista, junta-se a reafirmação de uma volta ao cristianismo primevo. A ênfase em traduções dos textos antigos, tanto greco-romanos, como cristãos, iniciada por Erasmo, acende a esperança de uma renovação cristã expurgada de distorções, sejam textuais, sejam pertencentes às instituições religiosas católicas, tais como os excessos do papado, a simonia, a venda de indulgências, o culto à ignorância e o fomento à superstição. Finalmente, Rabelais satirizará e criticará as distorções (tal como a caracterizavam os humanistas) da escolástica medieval, que na França, eram representadas pelos teólogos da Sorbonne, perseguidores de Rabelais. Da mesma maneira, Rabelais também satirizará o sistema legal, que via contaminado por glosas distorcidas de juristas-teólogos remanescentes da Idade Média.

3 Lazare Sainéan, *La Langue de Rabelais*, Paris, E. de Boccard, vol. 2, 1923.

PANTAGRUEL: A OBRA

A Concepção da Obra

Edwin M. Duval em *The Design of Rabelais's Pantagruel*⁴ observando a tendência da crítica rabelaisiana de focalizar no microcosmo dos capítulos isolados e episódios individuais da obra do autor, acredita que tais abordagens tocam apenas nos aspectos superficiais dos livros: a aparente espontaneidade, o cômico, as inconsistências e contradições, o caráter episódico da narrativa etc. Enfrentando tal situação, Duval busca, pelo contrário, formar um entendimento que dê conta do episódismo, por exemplo, buscando um plano coerente e abrangente, onde os detalhes e episódios possam ser subsumidos. Tal projeto não implica a busca de uma unidade temática ou visão coerente, mas um plano geral que “parece ter precedido e governado a composição de cada um dos livros de Rabelais” [p. xiv].

Duval propõe, então, que a obra de Rabelais está guiada por uma teleologia que reúne dois grandes intuítos: o gênero épico e o humanismo cristão. É dentro desses dois parâmetros que Duval busca explicar a obra do autor. Para tanto, é necessário ler a obra entendendo a “comunidade de leitores” para os quais foram intencionalmente escritos tais livros.

Duval pretende explicar, então, o cômico, o baixo, o obscuro como subordinações a esse esquema abrangente integrando-se num “todo perfeitamente coerente” [p. xvii]. Para tanto, Duval observa que a distinção entre “cultura popular” e “cultura erudita” é uma invenção posterior e seria um anacronismo aplicar tais categorias à Idade Média ou ao Renascimento. O que havia, era uma cultura *comum* a todos, onde “o sério e o cômico, o alto e o baixo, o sagrado e o profano eram rotineiramente conjugados em maneiras que parecem virtualmente incompreensível para nós, hoje em dia” [p. 137]. A separação entre tais esferas ocorre, na realidade durante a vida de Rabelais, acelerada pela Reforma e pela Contrarreforma. Para Duval, o modelo do *Pantagruel* como um épico Novo Testamento cristão humanista é o projeto que une ambas as pontas.

Mas como? – podemos perguntar. Não seria já este primeiro livro um *antiépico*? Que valores humanistas cristãos estejam na base de todas as obras de Rabelais é evidentemente um truísmo. De fato, alguns críticos do passado propuseram um Rabelais ateu, mas a leitura contextualizada de sua obra aprofundou-se e corrigiu tal distorção, sendo Duval um dos críticos responsáveis por tal

4 Edwin M. Duval, *The Design of Rabelais's Pantagruel*, New Haven, Yale University Press, 1991.

mudança, juntamente com M. A. Screech. Mas há sempre o perigo do pêndulo oscilar muito para um lado apenas. O mesmo se deu com outros tipos de propostas críticas reducionistas, tais como o marxismo de Bakhtin e o estilismo de Spitzer, que partindo de pressupostos ideológicos *a priori* encontravam no texto o que queriam encontrar, descartando a enormidade de todo o resto. O choque, a partir dos anos 1970, até então dividido entre dois polos: escola sociológica e escola linguística, deu-se com a contra leitura de M. A. Screech seguida da de Duval. E veio com rigorosa análise textual e indicação sistemática de fontes concretas, capítulo a capítulo, das mais diversas e recorrentes referências bíblicas e do Novo Testamento que estavam no texto *escondidas à vista de todos*. Dessa maneira, tornou-se aparente o que Screech chama de *evangelismo* rabelaisiano⁵. Tal humanismo cristão evangelista se revela na fraternidade universal baseada no conceito de *caritas*, tal como Paulo o concebe.

Mas seria tudo isto suficiente para supormos uma teleologia rigorosa na obra de Rabelais, como quer Duval?

Para Duval, Panurge *prova* sua hipótese. Panurge é um nobre que decaiu socialmente e vive com a escória da sociedade, e é o personagem no qual converge toda a obscenidade em *Pantagruel*, e como tal, é o agente de transformação para a *inversão* de estados que levará a uma *nova ordem evangélica* representada por Pantagruel. Assim, a humilhação à qual submete a alta dama de Paris serve ao propósito de reduzi-la à “humanidade comum da qual ela partilha (mas tenta negar) com as gastas prostitutas a quem Panurge promove em seu lugar” [p. 140].

Ora, enxergamos aí alguns obstáculos de leitura. Em primeiro lugar, que espécie de *caritas* seria esta, que humilha a “alta dama” apenas porque ela se recusa a trair seu marido com Panurge? Seria ceder aos avanços grosseiros e indesejados de Panurge, a “lição” que à levaria à “humanidade comum”? Eis como: Panurge derrama-lhe na roupa, durante uma procissão, o sangue de uma cadela no cio, atraindo assim centenas de cachorros que lhe urinam em cima e lhe rasgam a roupa. Segundo Duval, tal humilhação teria servido à dama para mostrar-lhe sua “humanidade comum”. Isto nos parece uma maneira bastante enviesada de promover *caritas*. Duval também justifica a ação de Panurge como uma lição em igualdade social; mas desde quando, e com qual autoridade moral, o fato de pertencer às camadas altas automaticamente excluiria a dama dos benefícios da *caritas*? Não se estenderia ela, a caridade e o amor fraterno, a *todos os seres humanos, sem distinção*? Ao menos é isto o que se entende do Evangelho. Um

5 M. A. Screech, *Rabelais*, London, Duckworth, 1979.